

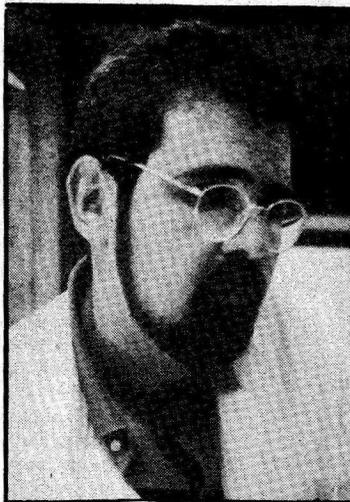
Sarah reduz infecções controlando antibiótico

VALDO CAVALCANTE

O Hospital Sarah Kubitschek conseguiu reduzir ainda mais suas taxas de infecção — consideradas bem abaixo do que estabelece o Ministério da Saúde — através do rigoroso controle no uso de antibióticos em seus pacientes. No primeiro semestre deste ano, 40 por cento dos medicamentos utilizados no mesmo período do ano passado foram economizados e, em poucos meses, a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar pretende implantar um sistema de ródizio de dois grandes grupos de antimicrobianos.

Eliminar o uso de antibiótico é fazer com que em um período de aproximadamente seis meses as bactérias específicas fiquem menos resistentes. Por isso, de acordo com o clínico Paulo Sérgio Beraldo, responsável pela Comissão de Infecção Hospitalar, o novo sistema deverá funcionar com mudanças de seis em seis meses, para que um grupo de medicamentos possa sensibilizar enquanto o outro estiver encontrando mais resistência. Tudo, entretanto, só será possível porque há dois anos o Sarah vem informatizando o monitoramento do uso de antibióticos naquela unidade da Fundação Pioneiras Sociais.

Desde a morte de Tancredo Neves, em 1985, a Comissão de Controle de Infecção do Sarah vem trabalhando no sentido de fechar o cerco à infecção hospitalar, melhorando as condições de permanência dos pacientes em todos os andares e desenvolvendo um trabalho de conscientização dos profissionais de saúde. A comissão funciona com oito pesso-



Beraldo: sistema inovador

as, com uma enfermeira em tempo integral, desenvolvendo uma atividade intensa, buscando as causas da infecção.

Através da Central de Informática Hospitalar, a comissão armazena dados relativos a todas as internações, podendo hoje avaliar que, desde que começou a ser controlada a prescrição de antibióticos, os índices de infecção têm baixado consideravelmente. “Agora não precisamos mais chutar ou prescrever um medicamento sem conhecer a situação”, garante Paulo Sérgio Beraldo. Pela Central eles sabem que, no ano passado, apenas uma pessoa morreu por infecção hospitalar no Sarah Kubitschek e que a taxa de supuração de cirurgia limpa — que determina a qualidade dos serviços do hospital — foi de apenas 0,64 por cento, em

2 mil 500 cirurgias.

A taxa de infecção por si só — hoje de seis por cento — não mede a qualidade, porque varia de acordo com a clientela de cada hospital. A bactéria mais frequente no Sarah é a *staphylococcus aureus* — 19,54 por cento. Depois vem a *escherichia E Coli* — 17,85 por cento. Os antibióticos mais usados são a cefalotina (keflin) e a cefalexina (keflex), além do trimetropin (bactrim). Segundo Beraldo, o Sarah reduziu, este semestre, a uma média de 41,3 por cento o uso destes medicamentos.

Quando um paciente chega ao Sarah Kubitschek, o médico tem condições de medicar com segurança. “Primeiro, pela folha mensal de resumo da Central de Informática, ele vai procurar onde está a infecção, depois, qual a bactéria que é mais provável naquele tipo de infecção. Pela mesma folha ele observa a frequência da bactéria naquele andar do prédio, avalia sua resistência e só então prescreve o antibiótico” — esclarece o clínico.

O uso indiscriminado de antimicrobianos provoca a resistência das bactérias e isso vem sendo feito em quase todos os hospitais do País. “Estamos preocupados em melhorar ainda mais o padrão do Sarah e paralelamente a esse monitoramento estamos tomando outras medidas que vão desde a obrigatoriedade da lavagem de mão para todos os funcionários da casa até cuidados com o chão, com as roupas, o asseio dos pacientes e até cuidados com a alimentação dos profissionais de saúde”, disse Beraldo.